



CONTOS MATO-GROSSENSES PUBLICADOS EM JORNAIS

Madalena Machado¹

Resumo: Contistas mato-grossenses delimitam o espaço da literatura na publicação de suas narrativas em jornais. O teor dos textos bem como o trabalho de arranjo literário demonstra a dimensão humana captada na sociedade de Mato Grosso no início do século XX. Nosso artigo pretende pensar a literatura produzida naquela época como um painel da vida mato-grossense daquele período e o quanto aquelas narrativas são singularizadas pelo conto, presente de forma cotidiana nos jornais *A Cruz* e *O Mato Grosso*.

Palavras-chave: Contos; Jornais; Mato Grosso; Estilo.

Abstract: The mato-grossenses story-writers delimit the literature space on the publication of their narratives in newspapers. The content of texts as well as the work of setting literary demonstrate the human dimension abstracted in society of Mato Grosso at the beginning of the twentieth century. Our article intends thinking the literature produced at that time as a mato-grossense life panel of that period and how those narratives are remarkable by tale, present on a daily way in the newspapers *A Cruz* and *O Mato Grosso*.

Keywords: Tales; Newspapers; Mato Grosso; Style;

A forma narrativa do conto propicia explorar a realidade sob uma perspectiva desvinculada da obrigatoriedade em seguir padrões rígidos. Narrativa que acompanhou a evolução da imprensa e publicações periódicas, o conto por meio da particularização de seu conflito tende a captar a individualidade. Assim, à medida que o modo de vida prosaico da sociedade foi ganhando mais espaço na literatura, foi o conto que traduziu anseios, vinculou o lado pragmático da vida cotidiana na expressão literária publicada em jornais. Com o desfacelamento do enredo observado no romance, o jeito de contar a vida se firma pela aproximação da dimensão poética. Percepções, sentimentos captados nos contos procuram dar conta desse uso cotidiano da palavra no qual as publicações diárias disseminaram. Um exemplo de tal premissa são os contos de Severino Queirós (1893-?) publicados em Cuiabá no jornal *A Cruz*, fundado em 1910 tendo colaborado de 1926 a 1931. As narrativas revelam uma faceta da literatura mato-grossense pouco conhecida do grande público.

¹ Doutora em Letras/Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e docente do PPGEL/UNEMAT.

Em “O cangaceiro arrependido” (1928) temos a ficcionalização de um episódio histórico no Brasil do início do século XX, o cangaço. Narrado em tom autobiográfico, a visão que se oferece é a oficial: o cangaço como sendo um bando de malfeitores que apavorava o interior do Nordeste, roubando e matando principalmente nas fazendas da região. O narrador conta de quando era criança, num dia chuvoso o pai deu abrigo a um cavaleiro desconhecido. Ele e as outras crianças de longe começaram a fazer conjectura de que o homem deveria ser um cangaceiro e quando ele desatreia o cavalo, deixa à mostra suas armas, as crianças se aterrorizaram. O pai então conversa com o recém-chegado ao que confirma as suspeitas pela confissão do homem. Este pede proteção, pois se diz arrependido de todos os males praticados, por isso abandonou o grupo e por tal motivo se vê perseguido duplamente. O pai do narrador por ver sinceridade nas palavras do cavaleiro, lhe oferece abrigo e no resto da noite ouve as palavras de seu interlocutor. Este lhe conta uma visão que teve de uma santa a qual lhe fez ver todos os males praticados e que ainda era tempo de se arrepender. Depois tira as armas, deposita na mesa um maço de notas dizendo para ser entregue à Santa Casa de Misericórdia para auxílio dos pobres. Um ano se passa quando o narrador relata que a família fica sabendo notícias de Felisberto Antão, agora um próspero proprietário de um engenho de açúcar. Por fim, o leitor fica sabendo que o homem era o Relâmpago, um dos cangaceiros mais famosos dispersos do bando do lendário Lampião. O valor moral fica nítido ao final da narrativa com o conselho: “Regenerai-vos todos, ó malfeitores!!!”

“Chico Palhaço e a Caveira” (1928) é um conto concentrado na vida de Joaquim da Aldeia e seu ajudante na roça, Chico Palhaço. À noite este entretia a todos contando suas anedotas no que era acompanhado pelo patrão, um espécie de líder dos moradores da redondeza. Geralmente nos sábados e domingos as reuniões eram compostas por tocadores de sanfona e violão que faziam desafios cantados nas ocasiões. Era a diversão daquelas pessoas sofridas pelo trabalho penoso no campo. Na véspera do dia de São Pedro, em 1915, havia uma grande festa em honra ao santo na casa de Joaquim da Aldeia; ali os repentistas Manecão e Janjão eram incentivados pelos aplausos e o desafio se estendia sem que eles se cansassem. Do desafio passou-se ao insulto entre os antigos companheiros ao que já se previa uma briga de graves consequências aos cantadores bem como para a respeitabilidade do dono da casa. A inquietação dos assistentes chega até Joaquim da Aldeia no intuito deste intervir, o que de nada serviu, levando este às lágrimas por ver seu prestígio ruir, seguido no choro por Chico Palhaço ao ver seu patrão naquele estado. A subserviência levava-o a fazer tudo para agradar Joaquim da Aldeia e quando este já não sabia mais o que fazer pediu a Chico que fosse até onde os repentistas estavam e inventasse qualquer história que fizesse rir a todos. O empregado perguntou se podia mentir, o outro consentiu inclusive formalizando que o apoiaria qualquer que fosse a história e o resultado desta. Pegou na cozinha uma cabeça de caprino espetada na parede, foi até o lugar onde os homens se desafiavam e inventou que tinha ido ao cemitério de onde trouxe aquela caveira cujo dono vinha vindo gritando, é minha, é minha! Chico atirou o embrulho no meio da sala causando enorme alvoroço e esvaziamento da sala, seguido de uma enorme gargalhada por causa de sua enorme mentira.

No conto “O doutor raiz” (1931), Severino de Queirós explora a crença popular. Dois amigos de infância se encontram já adultos, um movido pela cultura erudita e outro sem estudos, denominado João Cego. Este falava de suas curas atribuindo-as o adjetivo de “maravilhosas”, enquanto o narrador usando de um tom solene, tenta levar a conversa num nível em que seu convidado não se sentisse diminuído. Chamando-o pelo nome de batismo, logo foi avisado que seu amigo gostava do pomposo atributo de Dr. raiz, ao que usou sem receio. O interlocutor culto ouve as histórias milagrosas do médico das plantas e folhas, rebatendo-o com conselhos para abandonar tal curandeirismo, o tom é de superioridade. O desfecho acontece com a saída do cego indignado com tamanha falta de respeito pelo seu ofício, reconhecido por todos da região como o único médico do lugar.

“A vida do criminoso” (1927) no jornal **A cruz** trata da fuga de um homem que cometeu toda espécie de crime e se vê perseguido por todos os lados, até lhe vir a ideia de suicídio. Ao pé de uma árvore pensa em cometer tal ato quando lhe surge a imagem de uma espécie de anjo, seguida de outra esquelética lembrando a imagem da morte. Assim, de um tormento ao outro pela recordação das atrocidades cometidas, o criminoso chega ao arrependimento, pede perdão a Deus e se entrega à justiça dos homens. Embora lhe custe deixar a esposa, os filhos, os velhos pais, enfim sua família e a cidade onde viveu sua infância, o fim da vida fugidia foi mais importante. O encerramento do conto se dá por um tom moralista em que o narrador exorta os homens a viver longe da criminalidade.

Em “A trovoada” (1927) no jornal **A cruz**, Severino Queirós investe no valor religioso e moral da história narrada. À tarde de um dia comum, o narrador e seu irmão Dino são surpreendidos por uma tempestade quando estavam caçando rolas e seus ninhos. A chuva torrencial acompanhada por forte trovoada fez os dois temerem encontrar a morte ali, longe de sua casa e dos pais. Começaram a rezar a oração para a tempestade que a mãe lhes havia ensinado, assim, depois de muita água e medo, encerrado o temporal, ainda faltava um último obstáculo: o riacho a transpor que com a chuva ficou maior e quase impossível atravessar. O elemento religioso se faz presente mais uma vez quando gritaram por socorro, eles foram logo atendidos ao observarem do outro lado da margem a mãe acompanhada do pai a acenarem para os filhos, ao mesmo tempo em que louvavam a Deus. Chorando de alegria, antes de desfrutarem da sopa que lhes esperavam foram ao quarto agradecer à virgem Maria no oratório. Demonstração da fé dos pais e das crianças que segundo o narrador foi responsável pela salvação.

Temos uma visão política e patriótica no conto “O grande perigo” (1930) em que Severino de Queirós usa a voz narrativa em diálogo com o amigo Fidelis para discutir o que vem a ser o mal do Brasil naquele período de revoluções. A narrativa é enfática em afirmar e defender por meio dos diálogos ali presentes que o excesso de liberdade, a reivindicação dos direitos pela juventude e a pregação comunista degeneram não só o presente como o futuro da nação brasileira. O revolucionário Luís Carlos Prestes é citado como mau exemplo à juventude brasileira que, mesmo do exílio escreve seus manifestos incitando os jovens à contestação. Para o narrador, o atraso do país é evidente já que as nações desenvolvidas como França, Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos haviam extirpado o que arrasou a Rússia, o Brasil cedia à voragem da desordem e do crime. No final o narrador exorta o valor

religioso do povo recorrendo a Deus para livrar a nação do que ele considera uma peste.

“A inveja” (1927) é um conto que faz uma releitura de três histórias bíblicas: os episódios de Caim e Abel, Esaú e Jacó e a passagem do filho pródigo. A história contada por Severino de Queirós trata da vida de Amadeu e Diogo Aranha, irmãos cuja família tem um passado de trabalho e honestidade. Na ótica de Amadeu, o mais velho, o irmão além de contar com a proteção divina, tinha sorte e progredia a olhos vistos. Quando a narrativa inicia, Amadeu recém-saído da cadeia, depois de perder dinheiro em bebedeira e jogatina, decide procurar o irmão dono de uma fazenda onde ele podia encontrar abrigo e trabalho. Começa no caminho do bem até ser tomado pela inveja quando percebe que o irmão progredia mais que ele, mesmo sendo o mais velho nunca havia recebido nenhum tipo de benefício da família enquanto Diogo era bem visto e apreciado por todos. A inveja chega ao ponto de desejar a morte do irmão, pior ainda, planejar e executar ele próprio o assassinato, o que só não se concretizou graças à percepção de um empregado da fazenda que descobre a tempo de impedir o gesto fatal de Amadeu.

A narrativa “André Tripa” (1930) retoma o tema do cangaço. O narrador conta um episódio de sua vida quando tinha quinze anos e fizera uma viagem de trem entre Recife e Caruaru. Antes da viagem em si, temos considerações negativas a respeito da desordem e crimes provocados pelos cangaceiros. O mais afamado à época, Antonio Silvino serve de exemplo para combater o que segundo ele era um mal que integrantes do governo e os menos informados faziam de conta não existir. No dia da viagem, o narrador conhece um homem que se senta ao seu lado e começa a lhe contar as valentias de um certo André Tripa, de como este cometeu façanhas conhecidas por todos a tal ponto de se tornar tema dos livros de cordel. A viagem é interrompida na próxima estação onde, para surpresa do narrador, veio a polícia e deu ordem de prisão ao seu companheiro que, mais tarde veio a saber tratar-se do próprio André Tripa, um dos cangaceiros mais temidos de então.

Com o conto “A besta apocalíptica” (1929) Severino Queirós trata de uma superstição comum na virada do século. De cronologia fixa, os acontecimentos da noite de São João de 1899 servem de pano de fundo para a amostragem do quanto as pessoas ficam apreensivas com a mudança do século na expectativa do fim do mundo. Naquela noite em especial, quando as pessoas simples daquele lugar se reuniram ao redor da fogueira, moças, rapazes, crianças, adultos e velhos se ocupavam nos festejos, surge a história de que ninguém veria o outro século por causa da vinda da besta de pontas. O que foi ainda mais acirrado pela predição de Nhoquim, depois por Gitirana, velhos respeitados naquele lugar. Com a vinda do esperado 31 de dezembro, houve muita apreensão, principalmente das crianças que não queriam dormir. Acalmadas pelos pais e com o raiar do ano novo, tudo fica bem a não ser pelo sonho de Juquinha, o filho de Gitirana. Para o garoto, o sonho tinha sido tão real, a besta lhe aparecera de forma tão nítida que todos deveriam acreditar naquilo que vira, principalmente porque era sonho verdadeiro ordenado por seu pai. Motivo este para as gargalhadas de todos os presentes.

A história narrada no conto “Pai Domingos” (1929) ao mesmo tempo em que é histórica, patriótica, tem um valor humano surpreendente. Nela, Severino de Queirós por intermédio do personagem que nomeia o conto, fala de um episódio marcante na história

do Brasil: a escravidão. Pai Domingos já velho era quem entretinha as crianças na fazenda onde morava; na noite em que se passa a narrativa, os fatos narrados se concentram na sua vinda ao Brasil, de como foram grandes os sofrimentos daquela viagem, com vários de seus companheiros mortos no trajeto e lançados ao mar. No Rio de Janeiro, passa por um proprietário de bom coração mas com a esposa que lhe infligia maus tratos; depois foi vendido a um fazendeiro de Pernambuco onde conheceu terríveis sofrimentos. De lá, foge dos horrores vivenciados até se refugiar na fazenda onde encontra abrigo e comiseração do dono do lugar que lhe trata enfim como ser humano, é o lugar onde ele se encontra, já nonagenário e contando histórias para as crianças. Histórias tão cruéis de homens brancos contra os negros que as crianças chegam a duvidar da veracidade dos fatos. O narrador encerra o enredo louvando àqueles que tiveram coragem de levantar a voz e colocar em prática a oposição ao regime de escravidão no Brasil, como a Princesa Izabel e Castro Alves.

“O peludo” (1931) é uma narrativa concentrada num episódio da vida cotidiana de um quartel localizado no município de Cuiabá. O lugar denominado Fábrica de Pólvora do Coxipó do Ouro, era o lugar onde se daria o piquenique tão ansiado por todos. Ali se reuniam os oficiais e os subalternos, as famílias deles faziam uma confraternização regada a muita comida e vinhos para também comemorar o aniversário de um dos oficiais do Batalhão. Chega enfim o grande dia, eles se dirigem ao local montados à cavalo, passam pelas ruas mais conhecidas da capital e o comandante impedia a qualquer um fazer discurso em sua homenagem. O percurso transcorre em clima de amizade e camaradagem até chegarem à Fábrica onde foram recebidos pelos encarregados na preparação da comida, especialmente por um velho soldado cuja característica física marcante era ser muito peludo. Um dos subalternos pretendendo passar-se por comandante, dá inúmeras ordens ao soldado cabeludo, o qual reage com simplicidade pueril, acatando tudo sem discussão. O subalterno cujas iniciais são A. N. pretende ludibriar o peludo ordenando-lhe que fosse a um dos convidados e que este dissesse alguma besteira, ao que o peludo reagiu dizendo que ele mesmo podia dizer. Começou por uma “discurseira” sem nexos concluindo que o “dotô” A. N. o “imbromara” pois “num era capitão nem nada, cumo me disse o seu curunê F. R.”, motivo para gargalhadas de todos.

A escrita literária típica do escritor Severino de Queirós de um tom marcadamente doutrinário ou conselheiro tem como característico o epílogo de teor moral, impresso em itálico. Ainda narrativas de acontecimentos, não deixam, entretanto, de denotar uma revelação moral, observações filosóficas e certa finura psicológica à moda machadiana. O jeito cuiabano de ser transparece a cada publicação, ora ritmado por causos em que o narrador experiente ganha e convence o ouvinte leitor, ora pelo envolvimento traçado com o pensamento do autor sobre os temas mais variados. Queirós ao abordar assuntos como a escravidão, a diferença social, lendas e costumes populares, o jaguncismo, a inveja nas relações fraternas, o comunismo, busca no entretecer do caráter literário de seus textos, a modificação da visão de mundo do leitor. Isto é possível comprovar pelo moralismo que observamos em cada narrativa na qual predomina uma visão que é considerada a correta à qual o narrador pretende conduzir o leitor.

Cesário Prado (1891- 1969) é um caso singular em se tratando dos contos publicados

nos jornais de Mato Grosso no início do século XX. Também assina suas produções com o pseudônimo de J. Terra, ambos possuem uma profundidade filosófica capaz de apontarmos o estilo particular do escritor. Tratemos inicialmente daquelas narrativas assinados com seu nome civil. No conto “Farwell” (1928) discute a dicotomia entre a vida sedentária e a nômade, os prazeres das descobertas, paisagens, climas, pessoas. O narrador pondera sobre as vantagens e desvantagens de cada uma observando razões e interesses encontrados nelas. O sedentário segundo ele, tem a vantagem de realizar as mesmas descobertas sem sair de seu quarto, paisagens, lugares, gentes que podemos encontrar nas leituras de revistas, jornais e romances. Enquanto o viajante de turismo ou negócios pode variar sempre sem se fixar em nenhuma, tem o prazer da lembrança, das lembranças, das velhas amizades que perduram apesar do tempo e da distância. Têm histórias, emoções, experiências para contar enquanto o sedentário trabalha mais com a imaginação.

No conto “A parábola da eternidade” (1942) Cesário Prado pela voz de um pregador faz uma releitura bíblica do ensinamento de não julgar conforme as aparências. Um viajante sai pelo caminho numa região montanhosa e fria, andando a pé, rumo a uma povoação do outro lado da montanha. No percurso a cerração impedia a visão, junto dos pinheiros, penedos que formavam uma espécie de paredão. Por vezes o sol aparecia fazendo da vegetação um jogo de claro e escuro, nisso qualquer obstáculo à frente tomava ares de monstro fazendo o caminhante ficar apavorado. Assim, caminhando mais um pouco e o que parecia tão horridamente, com a menor distância foi parecendo um animal comum na sua terra, talvez um urso; mais de perto ainda pôde verificar que não era uma fera como imaginava e sim um homem agasalhado numa ampla capa e capuz. Poderia ser um salteador, mas também um outro viajante como ele, caminhando em sua direção foi tomado de surpresa quando o viajante reconheceu naquele homem o seu irmão. Então, conclui o pregador, não podemos nos deixar levar pelas aparências, sendo o melhor é vivermos nessa terra como irmãos, peregrinos enquanto não alcançamos a povoação do outro lado, já em outro país.

“Soror Martha” (1928) é um conto que Cesário Prado dedicou à veneranda senhora D. Isabel de Mesquita. Martha era uma noviça no convento que passava os dias entre os trabalhos de onde morava e a meditação quase sempre voltada à família que deixara fora do claustro. Um dia sentada num dos bancos frios de azulejos em frente à porta das celas das irmãs sóras Martha é despertada de sua concentração por Soror Piedade que lhe trazia uma carta de seu irmão mais novo, Ninito. A carta, cheia de emoção dava conta do quanto sua ausência doía no coração de seus familiares, mais ainda do mano que esperava sua volta para lhe ajudar nas lições. A casa para ele ressentia de saudade deixada por Martha e do quanto ele ansiava sua volta, pois não entendia o porquê dela se ausentar se tornando irmã de caridade. Lida a carta, Martha vai até o pé de uma estátua de Cristo para rezar e comparar o sacrifício de sua vida com a de Jesus que, de braços abertos parecia lhe dizer que era por amor a ela que ele tinha se deixado trespassar de dores.

“O carro da ilusão” (1927) é uma narrativa que trata metaforicamente da morte como uma grande viagem que se faz. Como um trem de muitos vagões, os muitos passageiros viajam cada um na esperança de encontrar algo melhor. O curioso é que todos sofrem do mesmo mal, a tuberculose que não poupa nem jovens nem velhos; aquela que nasce com

uma grande febre, provoca fadiga, frio intenso, palidez, sorve a vida daqueles que ainda restam a esperança. Assim como o trem que corre rápido e cada vez mais intensamente é a vida que lhes foge, apesar de planos e perspectivas bem delineadas. O rastro positivo deixado pela doença é justamente a bondade e o perdão que se notam naqueles cuja moléstia é comum. A esperança dentro do carro toma o nome de ilusão justamente por ser efêmera como as vidas que ele leva tais como episódios de romance contado.

O conto "A pele do teatro" trata dos sentimentos de um ator apaixonado por seu ofício. A bordo de um paquete rumo da Amazônia, junto de seu companheiro de viagem o narrador tece considerações a respeito das venturas e desventuras de ser ator. A arte de se fazer passar por um outro, ter emoções diferenciadas das suas, as intrigas, rivalidades, glória, declínio, tudo serve para que haja rejeição de uns e contentamento de outros. O pior de tudo era segundo o ator, a perda de sua própria personalidade, a ponto de tentar justamente por isso, outra profissão, vendedor. Algo não durável porque entre a venda de tecidos e congêneres, o ator começa a declamar trechos teatrais levando às lágrimas as freguesas, o que serviu para sua demissão. De volta à antiga profissão, o ator reconhece ser no palco o lugar de sua realização, apesar deste ter lhe roubado a personalidade, às vezes na pele de Otelo, Bocácio, conde de Monte Cristo, Luxemburgo, sempre com a pele do teatro.

Em "Djerane, o astuto" Cesário Prado traça o perfil de um soberano do antigo Oriente. O cognome do rei é advindo por causa dos atos de seu governo trazerem a marca da sagacidade, astúcia e finura muito mais do que a arte da guerra para o acréscimo dos seus domínios e o prestígio externo de seu reino. As medidas, os atos de governo do rei eram muito mais que generosidade, assim concluíram que Djerane era mais habilidoso que magnânimo, mais astuto que guerreiro. Uma de suas primeiras medidas foi a escolha do conselheiro-mor de seu governo que havia morrido e agora precisava de um substituto. A escolha se daria pela pessoa mais sábia e prudente que houvesse no reino. De todas as classes o soberano mandou investigar e retirou cinco dos mais famosos da época que deveriam comparecer à presença do rei para se efetivar a escolha. A prova seria aquele que falasse ao soberano com mais sinceridade ganharia o melhor de seus dedos; o primeiro começou por elogiar os anéis do rei, de cores tão vibrantes, rubis, diamantes que era impossível não atentar para a riqueza que a majestade portava. Comparando as jóias com o mais precioso na Terra começou o primeiro, seguido pelo próximo que as comparou às estrelas do céu, o outro dizendo do rei de Judá e da rainha de Sabá em ter procurado o rei Salomão ao invés de Djerane em sua glória e majestade. O quinto, Saleké que falaria ao rei, observou que em seus dedos só restava um último e menor anel. O soberano perguntou a Saleké a opinião comumente aceite sobre seu reinado, ao que ele respondeu dizendo que sobre a opinião geral não podia falar. Até porque como era costume do rei anterior, pai de Djerane, aquele que falasse a verdade era perseguido pela majestade, mas ele se manifestaria sem a preocupação do olhar alheio. Sobre a guerra não tinha opinião formada porque o rei ainda não havia enfrentado outros povos; os negócios internos, o tempo de governo era tão pouco que não havia como julgar; se os monarcas ao invés de lutas sangrentas dedicassem todo o ânimo e luzes na solução e necessidades do seu povo para

enriquecer o comércio, prosperar a indústria, instruir as populações, enfim melhorar a vida da população, aí sim a dinastia ganharia fama e glória para a posteridade. Ao dizer isso, Djerane o interrompeu dizendo ser ele o escolhido para ocupar o cargo de conselheiro-mor do rei, para desgosto dos concorrentes que mesmo assim ainda foram presenteados pelo rei com seus anéis. Entretanto, no dia seguinte se apresentaram ao rei para fazer uma reclamação, não sobre a escolha do conselheiro, mas sim sobre a falsidade das jóias que ganharam. Nisto foram retrucados pelo rei que aquilo equivaleria aos falsos elogios com que se dirigiram ao soberano, como ele ama aqueles que lhes dizem a verdade, receberam as mesmas moedas usadas.

Em relação a Severino Queirós, Cesário Prado/J. Terra, por sua perspicácia filosófica, introspectiva, produz uma narrativa mais aprofundada. Desde considerações sobre um modo de vida até ao tratar do destino humano, seus contos priorizam o lado reflexivo ainda mais que a abordagem dos acontecimentos em si. As consequências de uma opção de vida, o papel das aparências nas relações humanas, são fatores com os quais podemos identificar a peculiaridade de sua escrita literária. Ressaltada a diferença no nível estético literário entre o que se produzia nos jornais de Cuiabá no início do século XX, o que mais nos chama a atenção no estilo bastante particular de Cesário Prado é uma modernização seguindo a tendência do que era produzido literariamente nos grandes centros do país naquele período. O mato-grossense fica bem à vontade ao explorar junto à fragmentação do enredo (os acontecimentos são secundários) a fragmentação dos valores, das pessoas ao informar neste sentido a índole bem humana em seus textos.

Se considerarmos separadamente a produção contística, a tríade de autores recordados para este estudo encerra-se com a literatura de J. Terra. Em "Dreaming" (1921) o narrador faz considerações sobre o que vem a ser o sonho, segundo a ciência, os hierofantes, os astrólogos, os ocultistas, por fim recai no mistério que para ele é este fato. Ilustra seu pensamento narrando um sonho no qual estava morto, mas com as sensações de vivo. No velório, onde encontrava seu corpo, a reação das pessoas, as saudades sinceras são matéria para o narrador ponderar sobre o destino humano. Ao ouvir alguns próximos reclamarem sobre as mesquinhas da empresa fúnebre enquanto sente o arranque do funcionário ao retirar o suporte do caixão para servir a outro enterro, o narrador acorda vendo na paisagem um augúrio positivo junto do sonho que tivera.

O próximo conto de J. Terra, "Os vizinhos" trata da vida de Jesuíno e seu Antônio. O primeiro, dono de uma barbearia, um bilhar e um armazém, mudara-se há pouco tempo para o lugar onde há anos morava Antônio, de hábitos regulares. Jesuíno, por ser aposentado, tinha como maior distração olhar os passantes, principalmente no entorno do armazém porque morava justo em frente ao local. Este fato passa a chamar a atenção das pessoas, culminando assim em falatório; a esposa de um diz que Antônio havia comentado que Jesuíno era o único vadio da rua, o que chega aos ouvidos deste não atribuindo importância ao fato. O que mais irrita seu Antônio é o fato de Jesuíno todos os dias, por volta das cinco, cinco e meia da manhã acordar e fazer estardalhaço com seus bocejos. Os dias transcorrem iguais até que numa certa ocasião em que Jesuíno acorda é surpreendido pela janela aberta da casa de Antônio, fato que mais tarde fica sabendo ser a filha mais nova

deste que havia morrido vítima de sarampo. Então, Jesuíno tocado pelo acontecimento, toma seu terno negro e vai até o vizinho externar seus sentimentos assim como se encarregar pessoalmente de todos os atos necessários. Desse momento em diante surge uma longa e terna amizade entre os vizinhos não importando os mexericos anteriores.

No conto “Rosinha, a do sobrado” o narrador relembra um fato de seus quinze anos, o quanto ele era apaixonado por uma vizinha que curiosamente todos os dias enfeitava o sobrado de sua casa. Para estar sempre por perto dela, ele, apesar de ser um rapaz, se fazia de criança para brincar com os irmãos de Rosinha, chegando inclusive a convidá-la para brincar já que todos eram crianças. Na recusa dela, o narrador insiste para que ela não se faça de moça e se juntasse a eles nas brincadeiras. Em muito insistir, Rosinha dizia que não podia, ao que ele retrucava para ela dizer que não queria. A família do garoto observando sua perda de tempo em atividade inútil, recomenda a troca desta pelos estudos à noite, ao que ele, apesar de contrariado, aceita, mesmo tendo que decorar as lições, pois assim esqueceria Rosinha. Num dia em que uma vizinha vai visitar sua mãe, comenta sobre o clima e do quanto as crianças devem cuidar para não saírem com o corpo quente do banho e tomar ar frio. Tal comentário surgiu para exemplificar o caso de Rosinha que ficara parálitica por causa de um procedimento igual, o que causou espanto e pesar pela revelação que enterrara de vez o amor sentido pelo narrador.

“Entre irmãos” é um conto em que J. Terra se põe como personagem ouvinte do narrador. O caso de Daniel O’Rendell vem causar reflexões ao leitor desde as comparações a escritores famosos como Stendhal e Monteiro Lobato, por causa de pensamentos acerca do amor ou suas consequências, bem como a inutilidade do divã enquanto móvel para tratar de casos amorosos. Daniel era namorado, quase noivo de Zilka. Num certo dia foram os dois ao teatro e o namorado reclama dos olhares insistentes de sua companheira a uma roda de amigos. Zilka não reclama, mas em compensação o trata com um mutismo que o leva ao remorso por ter agido dessa forma com ela. No outro dia, Daniel fica sabendo por Esther, a irmã de Zilka, que esta havia agido assim para fazê-lo sofrer e gostar ainda mais dela. Ao saber do capricho da amada ele vê sua relação esfriar até o esgotamento enquanto se vê contemplado pela presença, doçura e meiguice de Esther. Contudo, como não poderia frequentar a mesma casa a fim de um namoro com a irmã, prefere antes cortejá-la de longe, encostado num poste em frente à janela dela. Ia tudo bem e para ficar mais à vontade, Daniel quebrava a lâmpada do poste e o fez tantas vezes quantas a empresa insistia em recolocar uma nova no lugar. Isto feito até um dia em que ele chegou perto e ainda longe viu um vulto no lugar que ocupava seguidamente, para seu espanto e decepção era seu irmão Alfredinho o outro namorado de Esther.

A narrativa “A solidão” encerra considerações filosóficas sobre o ato de estar sozinho. J. Terra tece considerações a respeito dos efeitos que a solidão provoca nas almas sensíveis. Às vulgares, ele considera que sentem repulsa por estarem sós. Seguindo Machado de Assis, o narrador considera que a solidão é a oficina do pensamento; em Poe ele pondera junto a *O homem da solidão* a torturada consciência humana que procura fugir dela; para Santo Ignácio o homem deve retirar uns momentos diários para se dedicar a estar sozinho, enfim, de sua própria opinião, o narrador reflete sobre a importância da solidão

nos tempos modernos em que o homem se agita de um lado para outro, se esquecendo do prazer de estar só. Da contemplação de momentos únicos ofertados pela natureza e que muitas vezes passam despercebidos vem a comparação com o sacerdote e o marujo, aqueles que descobrem novas terras para nossos corpos e novos horizontes para nossas almas. Ao citar Zimmermann o narrador parece contradizer tudo que havia defendido até então, dando a impressão de prevalecer os inconvenientes da solidão, ainda mais quando exemplifica seu último pensamento citando a passagem bíblica em que Deus resolve criar uma companheira para o homem na intenção de que este não esteja só.

“Os amigos” (1921) é um conto que recorta um episódio comum de amizade entre dois homens, Pedro e Manoel. Ambos trabalham na construção civil e vivem dependurados nos andaimes de uma igreja muito grande. Além de trabalharem, moram juntos, o que serviu de ciúme a Pedro ao desconfiar da maneira como Manoel se comportava perto de Martha. Olhares furtivos de um, a suspeita de correspondência por parte de sua companheira e isso atormentou tanto a Pedro que planeja como acabar com aquela situação, pois considerava muito a Manoel e este agia desta forma dentro de sua própria casa. Ambos tinham como passatempo observar do alto dos andaimes as pessoas que caminhavam na rua. Como se arriscavam sem a devida proteção no trabalho, um dia Pedro empurra Manoel lá de cima rumo à morte certa. Dissimulando seu ato, Pedro justifica-se dizendo que havia sido um acidente e que Manoel tinha o costume de se arriscar no trabalho. Ao delegado, quando é questionado sobre se era amigo do morto, Pedro confirma dizendo inclusive que o abrigava em sua casa e assim afasta qualquer suspeita de homicídio.

“Black” é um conto meditativo em que o narrador, num dia de chuva, escuta pancadas na janela que dá acesso ao jardim e suspeita ser alma de outro mundo. O que leva à considerações sobre a doutrina espírita de Allan Kardec; de Poe surge a suspeita do mistério envolto com Eleonora e o sinistro corvo; em Machado de Assis o narrador vai buscar um exemplo do mistério envolvido numa noite escura ao que recai na famosa frase de Poe: “nunca mais”. Com a insistência das pancadas ele se levanta e vai conferir se é realmente alma de outro ou deste mundo quem bate. Para sua surpresa era a gatinha da casa cujo nome é também um augúrio do mistério em que o levou às reflexões: Black.

Estevão de Mendonça no prólogo do conto “A solidão” se manifesta a respeito da literatura de J. Terra acentuando que a ideia de crítica de costumes ou resenha de fatos são os assuntos favoritos de sua produção artística dosadas com deduções filosóficas. Cabe neste sentido averiguar em que medida o jogo de aparência e essência motiva o autor a ampliar sua observação sobre o destino humano. Fatos cotidianos que marcam o início de uma amizade por meio da antipatia; amor e compaixão juntos na história de vida do narrador; o triângulo amoroso que separa irmãos; os prazeres e inconvenientes da solidão à vida humana; amizade, amor e ódio dividindo antigos amigos que leva ao ponto máximo do assassinato. Temas que movimentam a literatura de J. Terra/Cesário Prado naquele início de século, compoem junto a Severino Queirós um painel da vida cuiabana de então.

Os três contistas aqui reunidos têm em comum a capacidade de abertura para situações que, embora pareçam corriqueiras, falam alto ao destino humano e mesmo sobre a vida em continuação. Enquanto contos, seus textos flagram determinado instante que

fazem o humano se enxergar como tal; prioriza um modo de entender típico das relações em construção a cada ódio manifesto, amor em descoberta, fraternidade ilusória ou não compõem o quadro humano dos anos iniciais de 1910 em Mato Grosso. Numa época em que a maioria dos literatos ainda escrevia com tendências românticas, a modernidade das narrativas pode ser notada na observância do estado de crise em que se encontram determinados personagens. Os possíveis sentidos de cada situação, o conjunto de recursos narrativos utilizados, o teor de implicações psico-filosóficas também determinam o espírito de novidade dessa literatura publicada em jornais. O homem que procura se situar, a vazão de sentimentos, o efeito deles extraído são passos ameados possíveis de serem encontrados na contística mato-grossense.

Como enfatiza Walnice Nogueira Galvão (1983), “o conto faz parte da tomada do poder literário pela prosa de ficção impressa, e mais especificamente pela prosa publicada em jornal diário (p. 168)”. A literatura que deseja se fixar em Mato Grosso no início do século XX procura, dessa maneira, o processo de democratização da leitura; o fato de serem narrativas publicadas cotidianamente conduz às perspectivas de ampliação do olhar crítico sobre o dado social, as relações pessoais e, principalmente, a introspecção dos acontecimentos nos quais os personagens e o próprio narrador estão envolvidos.

Referências bibliográficas

- GALVÃO, Walnice Nogueira. “Cinco teses sobre o conto”. In: SANT’ANA, Afonso Romano... [et al...], **O livro do seminário** (org.) Domício Proença Filho. São Paulo: Nestlé, 1983
- NADAF, Yasmin. **Rodapé das miscelâneas: o folhetim nos jornais de Mato Grosso, séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002
- PRADO, Cesário. “A parábola da eternidade”. *Jornal A cruz*. s/nº, Cuiabá, 1942
- _____. “Farwell”. *Jornal A cruz*. s/nº, Cuiabá, 1928
- _____. “Soror Martha”. *Jornal A cruz*. s/nº, Cuiabá, 1928
- _____. “O carro da ilusão”. *Jornal A cruz*. s/nº, Cuiabá, 1927
- _____. “A pele do teatro”. **O Mato Grosso**, de Cuiabá, n.1526, 24 nov. 1918, p.2
- _____. “Djerane, o astuto ou com as mesmas moedas”. *Jornal A cruz*. s/nº, Cuiabá, 1941
- QUEIRÓS, Severino. “O cangaceiro arrependido”. *Jornal A cruz*. s/nº, Cuiabá, 1928
- _____. “A trovoada”. *Jornal A cruz*. s/nº, Cuiabá, 1927
- _____. “Chico Palhaço e a caveira”. *Jornal A cruz*. s/nº, Cuiabá, 1928.
- _____. “O doutor Raiz”. *Jornal A cruz*. s/nº, Cuiabá, 1931.
- _____. “A vida do criminoso”. *Jornal A cruz*. s/nº, Cuiabá, 1927.
- _____. “O grande perigo”. *Jornal A cruz*. s/nº, Cuiabá, 1930.
- _____. “A inveja”. *Jornal A cruz*. s/nº, Cuiabá, 1927.
- _____. “André Tripa”. *Jornal A cruz*. s/nº, Cuiabá, 1930.
- _____. “A besta apocalíptica”. *Jornal A cruz*. s/nº, Cuiabá, 1929.
- _____. “Pai Domingos”. *Jornal A cruz*. s/nº, Cuiabá, 1929.

_____. "O peludo". Jornal **A cruz**. s/nº, Cuiabá, 1931.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. et al. "Conto". **O livro do seminário** (org.) Domício Proença Filho. São Paulo: Nestlé, 1983.

TERRA, J. "Dreaming". **Correio do Estado**, de Cuiabá, n.24, 10 abril 1921, p.2.

_____. "Entre irmãos". **Correio do Estado**, de Cuiabá, n.49, 16 out. 1921, p.2-3.

_____. "Os vizinhos". Jornal **O Mato Grosso**, nº 1818, Cuiabá, s/d.

_____. "Rosinha, a do sobrado". **Correio do Estado**, de Cuiabá, n.55, [rasurado] dez. 1921, p.3.

_____. "A solidão". Jornal **O Mato Grosso**, nº 1816, Cuiabá, 1922.

_____. "Os amigos". **Jornal Correio do Estado**, de Cuiabá, n.23, 3 abril 1921, p.2.

_____. "Black". **Jornal Correio do Estado**, de Cuiabá, n.54, 20 nov. 1921, p.3.